

PEDAGOGIA SISTÊMICA: UM NOVO OLHAR

Franciene Aparecida da Silveira*
ffrancyjf@yahoo.com.br

RESUMO

O presente ensaio teórico busca contribuir com o processo ensino-aprendizagem dos alunos das escolas brasileiras. Dessa forma, apresenta uma nova metodologia aplicáveis no dia-a-dia, baseada na inclusão, no Pensamento Sistêmico e na psicoterapia Constelação Familiar de Bert Hellinger. A Pedagogia Sistêmica não visa confrontar outras metodologias, ao contrário, pretende acrescentar novos recursos à prática educacional. Recursos estes que incluem ferramentas como a árvore genealógica, a autobiografia acadêmica, o trabalho com bonecos, visualização, focalização, jogos dramáticos, etc. Partimos do pressuposto que o conhecimento é sistêmico e também que os indivíduos não são indivíduos isolados, mas estão interligados ao contexto familiar, histórico, social e cultural de origem. Portanto, esse contexto deve ser considerado no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Pedagogia sistêmica; educação; constelação familiar.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo não pretende apresentar soluções imediatistas e fáceis para algo que é grande, complexo e multifacetado, como o processo ensino-aprendizagem. Porém, visa oferecer uma contribuição para a comunidade escolar, diante dos desafios cotidianos, onde muitas vezes as metodologias utilizadas não alcançam o resultado esperado, ou seja, quando a função de educar e oferecer subsídios para que os alunos vençam suas dificuldades não tenham êxito. Procuramos apresentar uma pedagogia capaz de perceber a criança como parte de uma estrutura inter-relacionada, capaz de educar a todos, respeitando suas necessidades proporcionando a elas uma educação realmente significativa.

A escola pública brasileira tem funcionado, historicamente, como reprodutora da ideologia de grupos dominantes. Embasada, principalmente, no modo tradicional, onde o professor assume a postura superior de quem sabe mais e os alunos são vistos como indivíduos que recebem o conhecimento. Entretanto, para que a educação atenda sua finalidade de formar cidadãos capazes de opinar, optar, participar, agir, pensar e refletir é

*Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis / RJ. Pedagoga da Pró-reitoria de Apoio Estudantil e educação Inclusiva da UFJF.

necessário um novo perfil de professor/pedagogo. Que esse profissional seja capaz de compreender o aluno como parte de uma estrutura inter-relacionada, sistêmica.

Nesse ponto de vista, o pedagogo/professor deve planejar as atividades no âmbito escolar considerando os alunos, os pais, os familiares e o contexto em que estão inseridos (DESSEN e POLONIA, 2007), uma vez que, como afirma Cannon (1993), não somos seres fragmentados, mas estamos todos interligados. Como professores/pedagogos não podemos pensar no conhecimento de forma fragmentada ou separado do todo, pois ele é sistêmico. Na escola e na sala de aula devemos pensar, falar, sentir e agir de forma interdisciplinar e transdisciplinar. De maneira que as disciplinas se inter relacionem. Platão (2000), com o mito da caverna, já nos dizia que o processo de mudança não é fácil, mas é possível. Sair da caverna é sentir o desconforto de questionar as nossas certezas e experimentar novas posturas, metodologias e novos conhecimentos. E assim, cumprir o papel de educar para a vida.

Para iniciarmos nossa discussão sobre pedagogia sistêmica é necessário esclarecermos alguns termos utilizados ao longo do texto. Inicialmente buscamos explanar sobre a função da educação e o papel do pedagogo, no contexto da sociedade contemporânea. Logo em seguida, iremos abordar o Pensamento Sistêmico, que entende o indivíduo como um ser complexo e é a base para um novo olhar pedagógico. Já em um terceiro momento apresentamos a abordagem de psicoterapia sistêmica, denominada Constelações Familiares de Bert Hellinger. Por fim, esclarecemos a pedagogia sistêmica entendida como uma nova metodologia capaz de facilitar e contribuir com a aprendizagem das crianças de nossas escolas.

2 A EDUCAÇÃO E O PAPEL DO PEDAGOGO

A escola pública brasileira tem funcionado muito mais como reprodutora da perspectiva ideológica que conserva valores do grupo dominante do que como difusora do saber para todos os indivíduos. Na verdade, a escola cumpre o papel de transmissora de conhecimentos apenas para uma minoria que pode "fazer carreira" através da escolaridade que recebe. Para a maioria, nossa escola é uma fábrica de obstáculos, principalmente embasada no estilo tradicional de ensino, como nos mostra Paro (1996, p. 245):

(...) o processo ensino-aprendizagem na escola pública, se desenrola, na maioria das vezes, no velho estilo tradicional do professor que “ensina” e dos alunos que (não) “aprendem”, ou seja, do professor que “dá” aula e dos alunos que “assistem” sem nela participarem como sujeito do ato educativo.

A organização da escola está embasada na concepção cartesiana, de que o ser humano é como uma máquina programada e fragmentada, separado do todo. Essa forma de pensar a escola foi fortemente influenciada por meio da psicologia experimental de B. Skinner com sua tese do behaviorismo. Para Skinner (1978), a aprendizagem ocorre através de estímulos e reforços, de modo que se torna mecanizada, já que a repetição mecânica propicia à memorização e conseqüentemente o aprendizado. Está em conformidade com a realidade do mundo capitalista e neoliberal. Todavia, percebemos que não somos seres fragmentados e que essa forma de trabalharmos em sala de aula não atende a todos os alunos. Dentro de uma mesma sala de aula encontramos uma diversidade enorme de alunos e que solicitam por mudanças no processo ensino aprendizagem para que ninguém seja deixado para trás.

Entretanto encontramos alguns autores como Freire (2001) que não perdem a esperança e apresentam um novo conceito de educação. Uma proposta de mudança de postura educacional, onde se caracteriza um trabalho ativo e dialogal, voltado para a responsabilidade social e política e se caracteriza ainda pela crítica profunda na interpretação de problemas. Nessa perspectiva a educação, deve ser forte, ativa, crítica, corajosa e que proponha ao indivíduo uma reflexão sobre si, sobre o tempo e suas responsabilidades, tudo isso decorrendo de sua capacidade de optar.

Paulo Freire (2001) traz consigo uma concepção inovadora de educação. Faz uma crítica a educação assistencialista, onde não há responsabilidade nem por parte dos governantes, nem administradores, nem professores/pedagogos ou mesmo alunos; onde não existe decisão e sim imposição, onde os gestos apontam para a domesticação e passividade do indivíduo; concepção que caracteriza a educação como antidemocrática uma vez que retira do indivíduo o seu direito de opinar, optar, participar, agir, pensar e refletir, que nega a vocação natural do ser humano de ser indivíduo ativo e não objeto passivo. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a Educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

No processo educativo os conhecimentos e habilidades devem ser transmitidos para as crianças, jovens e adultos sempre com o objetivo de desenvolver o raciocínio dos alunos, ensinar a pensar sobre diferentes problemas, auxiliar no crescimento intelectual e na formação

de cidadãos capazes de gerar transformações na sociedade. Assim, é por meio da educação que a sociedade irá formar o indivíduo, integrando-o e conduzindo-o em seus valores e objetivos. A educação se desenvolve intermediada por situações presenciadas e experiências vividas pelos indivíduos ao longo da vida.

Nos tempos atuais, precisamos reconhecer o papel da escola, se contribui para a reprodução ou transformação dos valores das classes sociais e para ressaltar a contradição como aspecto fundamental do dinamismo histórico. Se por um lado a escola reproduz (os valores dominantes da exploração e do poder), por outro alimenta o movimento de superação do estado de coisas existentes. A esse respeito, afirma Frigotto (1989, p. 24) :

A escola ao explorar (...) as contradições inerentes à sociedade capitalista é ou pode ser um instrumento de mediação na negação dessas relações sociais de produção. Mais que isto, pode ser um instrumento eficaz na formulação das condições concretas da superação dessas relações sociais que determinam uma separação entre capital e trabalho, trabalho manual e trabalho intelectual, mundo da escola e mundo do trabalho.

Como nos aponta Frigotto (1989), é necessário explorarmos as contradições da sociedade capitalista contemporânea, pois essa exploração pode se tornar ferramenta de superação e transformação da sociedade. Entretanto, para contribuir com a transformação da sociedade, a educação exige uma nova forma de compreender as relações e, portanto, um outro perfil de pedagogo/professor. Ele precisará ser um profissional da educação com competências para compreender o aluno como parte de uma estrutura inter-relacionada. Morin (2007) afirma que o ser humano é ao mesmo tempo individual e coletivo e que essa identidade deve ser construída através da educação.

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui, ele próprio, um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poli existência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. (MORIN, 2007, p. 58)

É preciso desenvolver uma educação que transforme e supere a educação mecânica e ingênua, que atenda a realidade brasileira. É importante termos uma educação que leve o

indivíduo a refletir sobre si e sobre o mundo, a respeito de seu direito de participar, tanto na escola como em toda a sociedade. Como professores/pedagogos não podemos pensar no conhecimento de forma fragmentada ou separado da realidade de nossos colegas de trabalho e de nossos alunos. Segundo Morin (1991, p. 123), a soma do conhecimento das partes não é suficiente para se conhecer as propriedades do conjunto, pois o todo é maior do que a soma de suas partes. Além disso, quando se toma o todo não se vê a riqueza das qualidades das partes, por ficarem inibidas e, impedidas de expressarem-se em sua plenitude. As relações das partes com o todo são dinâmicas, portanto, o todo é, ao mesmo tempo, menor e maior que a soma das partes. Há necessidade de pensarmos, falarmos, sentirmos e agirmos de forma interdisciplinar e transdisciplinar. O conhecimento não pode ser visto como algo linear, mas deve ser visto como sistêmico, já que nossa vida e realidade não são fragmentadas. Desse modo, estamos envolvidos numa teia de relações com outros indivíduos, com o ambiente físico e também com a natureza.

3 PENSAMENTO SISTÊMICO

Na década de 1920, Ludwig Von Bertalanffy, biólogo de Viena começa a criticar a predominância do enfoque mecanicista tanto na teoria quanto na pesquisa científica, principalmente entre a Física, a Biologia e a Psicologia, já que ele percebe que o enfoque mecanicista não respondia de forma satisfatória suas pesquisas. No ano de 1968, ele publica a Teoria Geral dos Sistemas (VASCONCELLOS, 2010). Bertalanffy conceitua sistema como um complexo de elementos em estado de interação. Para ele, a Teoria Geral dos Sistemas proporcionaria um arcabouço conceitual abrangente capaz de agregar várias disciplinas científicas que, naquele momento, estavam isoladas e fragmentadas. Sugere, portanto, uma ciência da totalidade, da integridade e da interdisciplinaridade, ou seja, da integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento, ou mais, a transdisciplinaridade. Bohm (1980) ressalta que muitos dos nossos problemas se devem à tendência de fragmentar o mundo e ignorar a interligação dinâmica entre todas as coisas, desconhecendo o fato de que o universo é constituído como um holograma. Ou seja, tudo no universo faz parte de um contínuo, que, por conta da sua natureza ativa e dinâmica, o autor chama de holomovimento.

Grandesso (2000) aponta que o foco é deslocado da constituição das entidades para a organização dos sistemas e para o conceito de interação. Assim, o Pensamento Sistêmico surgiu no século XX, em contraposição ao pensamento "reducionista-mecanicista" herdado dos filósofos da Revolução Científica do século XVII, como Descartes, Bacon e Newton. Fato que implicou na formação de novas áreas, como a Física Subatômica e a Ecologia. O resultado provocou uma explosão de conhecimento de um novo tipo, com ideias inovadoras como a Física Quântica, a Teoria do Caos, Matemática da Complexidade, entre muitas outras.

O Pensamento Sistêmico é um movimento científico com base nas concepções de sistema aberto e da Teoria Geral dos Sistemas. De acordo com o Pensamento Sistêmico, os organismos vivos são sistemas abertos, ou seja, podem se alimentar de um contínuo fluxo de matéria e de energia extraídas e devolvidas ao meio ambiente (CAPRA, 2006). O entendimento sistêmico requer uma compreensão das principais características de um sistema, dentre as quais podemos citar: um sistema é composto por partes, todas as partes de um sistema devem se relacionar de forma direta ou indireta, pode abrigar outro sistema e por último está vinculado ao tempo e espaço. Dessa maneira, consiste em compreender o todo, de modo a permitir a análise ou a interferência no mesmo.

Essa forma de pensar não nega a racionalidade científica, mas acredita que ela não oferece parâmetros suficientes para o desenvolvimento humano e para descrição do universo. Principalmente, devido à limitação do método científico e da análise quando aplicadas nos estudos de física subatômica, biologia, medicina e ciências humanas, que exigem explicações complexas. É uma nova forma de compreender o desenvolvimento humano. Parte do pressuposto da complexidade, ou seja, projeta seu olhar não somente para o indivíduo, considera também todo o seu contexto e as relações estabelecidas.

4 CONSTELAÇÕES FAMILIARES

Embasado no Pensamento Sistêmico, o alemão Bert Hellinger, teólogo, filósofo e psicoterapeuta, criou uma nova abordagem de psicoterapia sistêmica, denominada Constelações Familiares. Bert Hellinger foi padre e missionário na África, onde trabalhou e observou as tribos zulus e seus comportamentos familiares. Dedicou-se a estudos sobre o comportamento e a psique humana, além de estudar a psicanálise.

O fundamento e o método da Constelação Familiar encontram-se na *práxis* e na postura fenomenológica. A Fenomenologia é uma área da filosofia Humanista, de tradição alemã e tem como precursor Edmund Husserl. De acordo com Husserl (1990, p. 14), a tarefa da fenomenologia é investigar em geral as correlações entre ato, significação e objeto. Podemos compreendê-la como uma nova possibilidade capaz de iluminar a abertura do projeto do ser-do-indivíduo-no-mundo na abrangência do processo de suas efetividades vividas. A Fenomenologia traz uma proposta do ser humano como ele se apresenta, sem interpretações, sem uma teoria à priori. Ela vai criticar toda ciência reducionista aplicada ao indivíduo, não dando interpretação ao que acontece, apenas esperando o que surgir do “campo”.

Fundamentam-se, também, no princípio do campo mórfico do biólogo Rupert Sheldrake. Para esse autor, “campo mórfico é uma expressão genérica que inclui os tipos de campos (motores, comportamentais e sociais) que tem uma memória inerente dada pela ressonância mórfica de sistemas similares anteriores” (SHELDRAKE, 2014, p. 274). Os campos morfogenéticos são a memória coletiva a qual recorre cada membro da espécie e para a qual cada um deles contribui, ou seja, são campos onde estamos imersos sistemicamente, e que essas informações reverberam em nós, sem que tenhamos consciência disso. Como exemplo, podemos citar o experimento que a revista americana Boletim do Cérebro e da Mente desenvolveu. Nesse experimento os leitores da revista precisavam decorar três versos em japonês. O primeiro verso era tradicional, o segundo era de um poeta contemporâneo, e o terceiro, não era um verso, mas apenas uma sequência aleatória de ideogramas. De acordo com a teoria, o verso tradicional deveria causar uma ressonância morfogenética, ou seja, deveria ser mais fácil de decorar, já que foi praticado por milhões de japoneses, ao longo de séculos. E, no resultado final do experimento a hipótese foi comprovada. Cientistas, como Suitbert Ertel presidente do instituto de Psicologia, da Universidade Georg-August, em Göttingen, na Alemanha, por não aceitar este resultado realizou novos experimentos que apresentaram os mesmos resultados.

Hellinger, a partir de seus estudos, percebeu que dificuldades, conflitos, bloqueios, doenças, entre outras queixas podem, inconscientemente, ser influência de outros membros da família, inclusive de gerações passadas, mesmo que desconhecidos. Constatou que os sistemas são regidos por três grandes leis. Sendo, a primeira lei, o princípio do pertencimento, ou seja, todos têm o direito a pertencer e o lugar de cada um, inclusive dos ausentes, deve ser reconhecido. A segunda trata da hierarquia, dessa maneira, os sistemas obedecem a ordens específicas, onde os primeiros e os mais velhos devem ser respeitados pelos mais novos e por

quem chegou depois. Já a terceira é a lei do equilíbrio, estabelecida pelo dar e receber. Quando essas leis são violadas ocorrem, mais cedo ou mais tarde, depressões, doenças, problemas de relacionamento, dificuldades financeiras. Esses problemas podem ser representados através das constelações e deixam claro para o constelado, para onde ele está olhando. Assim, ele pode dar o primeiro passo para reequilibrar o seu sistema e solucionar a questão que o incomoda. Dessa forma, as constelações familiares oferecem ferramentas rápidas e eficazes na resolução de conflitos pessoais e familiares e na abertura de novas possibilidades de convívio e de estruturação dos vínculos. Essa psicoterapia Sistêmica foca o indivíduo como parte de um sistema básico (a família) ligado, em intersecções, a outros sistemas.

As constelações familiares permitem revelar o fato de que fazemos parte de um sistema que compreende todos os membros da família, sujeitos a uma ordem primordial. Tem-se que encontrar e respeitar tal ordem para que encontremos nosso lugar dentro da nossa família, respeitando o destino dos outros membros dessa família. O respeito e a gratidão à família constituem uma postura baseada em princípios que geralmente não é consciente. Nisso se baseia o enfoque sistêmico-fenomenológico.

Rapidamente houve uma migração dessa técnica para a área organizacional, sendo hoje utilizadas por grandes empresas, sobretudo na Europa e EUA. No Brasil, já encontramos a constelação no judiciário, como faz o juiz Sami Storch do Tribunal de Justiça da Bahia (TJBA). Ele aplica o conhecimento das leis sistêmicas para auxiliar na condução dos processos, de maneira a produzir mais conciliações. E também, no Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). O médico ginecologista José Miguel de Deus, que coordena o ambulatório de dor pélvica crônica do HC, e a médica anesthesiologista Vânia Meira e Siqueira Campos oferecem acompanhamento em grupo de Constelação Familiar. Já no contexto da educação as Constelações familiares têm várias contribuições a oferecer.

5 PEDAGOGIA SISTÊMICA

Na educação, as primeiras a aplicarem os princípios das Constelações, criando um campo de pesquisa e prática denominado Pedagogia Sistêmica, foram a professora primária alemã Mariane Franke-Grickch e a professora do ensino médio, no México, Angélica Olvera.

Posteriormente, a Pedagogia Sistêmica migrou para as escolas da Espanha, que hoje, como no México, são referências no treinamento de professores/pedagogos, dentro dessa abordagem. No Brasil, timidamente esses treinamentos já começam a ser ministrados, principalmente em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

De acordo com Franke-Grickch (2009), a transferência da visão sistêmica da terapia familiar para a docência, permite perceber as pessoas não como indivíduos isolados, mas como parte de uma estrutura inter-relacionada. Franke-Grickch e Olvera obtiveram resultados maravilhosos na estrutura escolar, em sala de aula, na relação escola-família, no amadurecimento emocional e intelectual dos alunos, no enfrentamento do *bullying*, na valorização do professor. Para alcançar estes resultados elas desenvolveram metodologias aplicáveis no dia-a-dia, que incluem ferramentas como a árvore genealógica, a autobiografia acadêmica, o trabalho com bonecos, visualização, focalização, jogos dramáticos, etc. Baseada na inclusão, a Pedagogia Sistêmica não faz confronto com outras metodologias, ao contrário, acrescenta novos recursos à prática educacional, portanto, mesmo que a escola não adote a Pedagogia Sistêmica, um professor pode usar essa metodologia em sala de aula, desde que tenha conhecimentos sobre Constelações Sistêmicas.

A pedagogia sistêmica reconhece os indivíduos e entende o papel de cada envolvido. Inclusive, parte do pressuposto que os alunos, professores/pedagogos, diretores, funcionários não estão separados dos vínculos pessoais, do contexto familiar, histórico, social e cultural de origem. Nessa perspectiva todos são vistos como parte integrante da escola. Dessa maneira, todos (alunos, professores/pedagogos, diretores, funcionários) assumem suas funções e papéis. O sentimento de que todos têm um lugar (inclusão) é potencializado. Tal postura remete a uma compreensão onde passamos a perceber a serviço de quais vínculos e questões sistêmicas cada um está agindo. Ou seja, é possível refletir sobre a prática pedagógica, uma vez que a riqueza do Pensamento Sistêmico, com sua complexidade, está em abrir campos para novas possibilidades de reflexão e, sobretudo, ação. De acordo com Hellinger (2007, P. 97):

... o professor quando vê os alunos também vê seus pais por detrás deles. Toma os pais das crianças para dentro de seu coração, independente de como sejam, pois todos os pais são perfeitos, no seu papel de pais... um professor respeita o que tem de especial em uma família, quando encontra uma criança, sem ter a fantasia de que essa família deveria ser diferente do que ela é.

Esta maneira de perceber os alunos se baseia no natural da vida e nos elementos que estão inter-relacionando-se totalmente um com outro. O trabalho pioneiro de Bert Hellinger,

de Mariane Franke-Grickch e Angélica Olvera, aplicando a metodologia da constelação familiar ao campo da educação e das escolas tem mostrado como os acontecimentos familiares afetam profundamente os indivíduos e principalmente as crianças dentro da escola, independente de quando tenha acontecido. Muitas vezes, no decorrer do processo ensino-aprendizagem, nós professores/pedagogos nos deparamos com os alunos que não têm um bom desempenho. Esse baixo desempenho pode, muitas vezes, estar ligado a processos familiares de fundo, como por exemplo, uma exclusão de um membro da família. A organização educacional concentra-se na criança que não responde ao desenvolvimento esperado do seu potencial intelectual, e conseqüentemente, essas crianças rapidamente são rotulados pela própria família, professores/pedagogos, médicos, psicólogos e colegas. De acordo com Franke-Grickch (2009, p.87):

Ainda hoje, com poucas exceções, o ensinamento e o aprendizado em sala de aula acontecem em unidades de aulas sem nenhuma conexão umas com as outras, ensinadas fora do contexto e, em grande parte, centradas no professor que se posiciona na frente da classe. Sim, diz-se que a independência dos alunos deveria ser encorajada, entretanto o tempo requerido para isso é grande demais em relação ao tempo de aula oferecido e assim, muitos professores retomam rapidamente seus velhos métodos de ensino.

De acordo com Fonseca (1995), a falta de uma perspectiva integrada, a delimitação de áreas de conteúdo e o divórcio interdisciplinar entre profissionais, fazem perder de vista uma dimensão global das dificuldades de aprendizagem (FONSECA, 1995, p. 75-76). A dificuldade de aprendizagem mais conhecida e que vem tendo grande repercussão na atualidade é a dislexia, porém, encontramos outras como disgrafia, discalculia, dislalia, disortografia, hiperatividade e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Ribeiro (2014) define essas dificuldades da seguinte maneira: dislexia tem por característica dificuldades na aprendizagem da leitura. A disgrafia é a dificuldade na escrita (podendo ou não associar-e à dislexia). Enquanto que disortografia tem por característica a dificuldade de transcrever corretamente a linguagem oral. Já dislalia é dificuldade na fala e discalculia é entendida como dificuldade para cálculos e números. E por último o TDAH que tem por característica atividade excessiva e atenção com impulsividade.

Todos estes diagnósticos são prontamente atendidos com várias medidas de apoio e muitas vezes acompanhadas de medicações, cujos resultados são, muitas vezes, desanimadores e repletos de efeitos colaterais. A Pedagogia Sistêmica é um novo paradigma que vem ampliando a visão do que pode existir acerca das dificuldades de aprendizagem, é um novo enfoque que olha os transtornos de aprendizagem de outro lugar. Algumas vezes

percebemos nossos alunos sendo excluídos, fracassarem na escola, e não conseguimos entender o motivo desse comportamento. Pode ser que estes alunos estejam repetindo alguns padrões ocorridos em seus sistemas de origem.

A pedagogia sistêmica pode ser aplicada não apenas em situações de dificuldades de aprendizagem, mas também em situações de desintegração, de problemas comportamentais, de conflitos e quaisquer problemáticas que surjam no sistema escolar direta ou indiretamente. Franke-Grickch (2009) apresenta uma vivência muito interessante de um aluno chamado Hubert. Esse menino frequentemente ficava doente e não tinha um bom aproveitamento nas disciplinas. Havia ficado órfão de mãe, por causa de um câncer. Tinha uma forte ligação com a mãe e ficava o tempo todo pensando nela. Após Franke-Grickch aplicar seus conhecimentos de pedagogia sistêmica, “Hubert se tornou um garoto esperto e cheio de vida. Seu aproveitamento em matemática, inglês e biologia tornou-se muito bom” (FRANKE-GRICKCH, 2009, p. 42). Partimos do pressuposto que a utilização da abordagem de Bert Hellinger ao contexto escolar pode conduzir os alunos a alcançarem bons resultados no processo ensino aprendizagem, uma vez se trata de abordagem simples, não concorrente com outros métodos e que exige poucos recursos para ser implementada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, consideramos que o professor/pedagogo deverá sempre estar atento para criar um ambiente onde os alunos possam expor suas opiniões, desenvolver a autonomia, trocar conhecimentos e serem vistos como parte de um sistema. Existem diferentes metodologias que ajudam o estudante a lidar com informações, relacioná-las, discuti-las e debatê-las, até chegar a produzir um novo conhecimento que seja significativo para ele, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela. A pretensão deste trabalho foi apresentar uma nova ferramenta, como a pedagogia sistêmica, que pode contribuir de forma significativa com o aprendizado dos alunos das escolas públicas e particulares do país.

É primordial que o professor/pedagogo acompanhe a evolução da turma, respeite as diferenças e a história de cada um, principalmente que seja crítico reflexivo, tenha condições de pensar e repensar a sua prática, buscando novos caminhos para solucionar problemas,

que tenha coerência entre discurso e prática. Deste modo, possibilitará ao aluno ampliar o leque do conhecimento, ser um agente transformador da realidade tendo coesão e coerência em sua interpretação de mundo, aprendendo a pensar, saber fazer e ser competente na prática social. O professor/pedagogo precisa saber que a aprendizagem ocorrerá de acordo com as relações estabelecidas a partir de um novo paradigma que valoriza o indivíduo na sua totalidade.

SYSTEMIC PEDAGOGY: ONE NEW LOOK

ABSTRACT

This theoretical essay search, modestly contribute to the teaching -learning process of students of Brazilian schools. Therefore, presents a new methodology applicable in day-to -day, based on inclusion in systems thinking and Family Constellation psychotherapy Bert Hellinger. Systemic Pedagogy is not intended to confront other methodologies, in contrast, aims to add new features to educational practice. These resources including tools such as family tree, academic autobiography, work with puppets, visualization, focus, dramatic games, etc. On the assumption that knowledge is systemic and also that individuals are not subject isolated but are connected with family, historical, social and cultural background. Therefore, this context must be considered in the teaching- learning process.

Keywords: Systemic pedagogy; education; familiar constellation.

REFERÊNCIAS

BOHM, D. **Totalidade e a Ordem Implicada**. São Paulo: Madras, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96**. Brasília, DF, Senado, 1996.

CANNON, B. **Sartre & psychoanalysis: an existentialist challenge to clinical metatheory**. Lawrence: University Press of Kansas, 1993.

CAPRA, F. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DESSEN, M. A. & POLONIA, A. C. (2007). **Família e Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, 2007, 17(36), 21-32

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FRANKE-GRICKSCH, M. **"Você é um de nós": percepções e soluções sistêmicas para professores, pais alunos**. Patos de Minas: Editora Atman, 2009.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista**. 3.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

GRANDESSO, M. A. **Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

HELLENGER, B. **Histórias de Amor**. tradução de Lorena Richter. – Filipa Richter. Patos de Minas: Editora Atman, 2007.

HUSSERL, E. **A Idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: Unesco, 2007.

OLIVEIRA JUNIOR, D.; OLIVEIRA, W. C. G.; FONSECA, H. V. **O que é a Pedagogia Sistêmica e como ela pode ajudá-lo?** Belo Horizonte, IBHBC, 2014. Disponível em: <<http://www.pedagogiasistemica.com.br>> Acesso em: 15 de set. 2015.

PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

PLATÃO. **A República**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000. p.319-322.

RIBEIRO, P. D. **Intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br/especiais/opiniao/intervencao-psicopedagogica-nasdificuldades-de-aprendizagem-por-damarispereira-ribeiro>>. Acesso em: 12 de nov. 2014.

SHELDRAKE, R. **Uma nova ciência da vida: a hipótese da causação formativa e os problemas não resolvidos da biologia**. São Paulo: Cultrix. 2014.

SKINNER, B. F. **O comportamento verbal**. Trad. de Maria da P. Villalobos. São Paulo: Cultrix, 1978.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência.** 9ª ed. Campinas: Papirus, 2010.